

História e vida: a influência de Jacob Burckhardt no pensamento de Nietzsche

History and life: the influence of Jacob Burckhardt on the thought of Nietzsche

Márcio José Silva Lima
Mestrando do PPGF-UFPB.
Bolsista Capes/CNPq.

Resumo: O presente trabalho procura evidenciar a relação existente entre Nietzsche e o historiador Jacob Burckhardt acerca de suas considerações no que concerne a “utilidade e desvantagem da história para a vida”. Em *Reflexões sobre a história*, Burckhardt disserta sobre temas como o determinismo histórico, a relação entre história e arte, o progresso e a grandeza humana. Estes temas foram bastante apreciados por Nietzsche em sua *Segunda Consideração Intempestiva* e recorrente em toda sua obra posterior.

Palavras-chave: História; Burckhardt; Nietzsche.

Abstract: The present work search to evidence the existent relationship between Nietzsche and the historian Jacob Burckhardt concerning their considerations in what it concerns the "usefulness and disadvantage of the history for the life". In *Reflections on the history*, Burckhardt lecture on themes as the historical determinism, the relationship among history and art, the progress and the human greatness. These themes were highly valued by Nietzsche in his *Second Consideration untimely* and recurrent throughout his later work.

Keywords: History; Burckhardt; Nietzsche.

O encontro com Burckhardt

Em 1869, aos vinte e quatro anos de idade, o jovem Nietzsche chega à Universidade de Basileia para ser professor de filologia clássica. Lá encontra o professor *Jacob Burckhardt* por quem

tem grande admiração e passa a assistir suas aulas sobre o estudo da história. Em uma de suas cartas endereçadas a Von Geersdorff em 1870, Nietzsche fala de sua admiração pelo mestre historiador acreditando ser o único, entre os seus alunos, a entender verdadeiramente a sua linha de pensamento. E vai mais adiante, afirma que pela primeira vez gostou realmente de uma palestra e que aquela era o tipo de palestra que ele seria capaz de ministrar quando estivesse mais maduro. (NIETZSCHE apud DRU, 2003, p. 83).

Segundo Peter Burke, a concepção burckhardiana de história era totalmente divergente da maioria dos seus contemporâneos. Burckhardt rejeitava tanto o hegelianismo quanto o positivismo que atribuía à história o caráter de ciência no sentido moderno. Sobre a filosofia da história hegeliana, ensinava aos seus alunos que suas aulas sobre o estudo da história estavam dissociadas de “qualquer filosofia da história”. Sendo para ele, tal filosofia um contra-senso, uma vez que a história era a-filosófica e a filosofia a-histórica (BURKE, 2009, p. 19-20). Ou seja, em filosofia não há historicidade, no sentido do pensamento ser sempre permanente, e em história não há filosofia no sentido de não existir nela uma *filosofia da história* aos moldes do hegelianismo.

Quanto à ideia de uma história aos moldes da ciência moderna, Burckhardt discordava, pois para ele a história deveria ser vista como uma arte. A história era uma modalidade literária equivalente à poesia, pois era uma arte produzida para agradar o espírito. Por isso, procurava no passado aquilo que de mais interessante este pudesse lhe oferecer. Não gostava de acumular fatos, pois para ele, os fatos necessários ao homem são aqueles que traduzem uma ideia de grandeza ou que marcaram de forma extraordinária uma época (BURKE, 2009, p. 19-20). A história para Burckhardt, assim como para Nietzsche, deveria ser caracterizada por uma força magistral que estivesse a serviço da vida e que fosse capaz de gerar grandes homens.

A análise da *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida* e das aulas proferida por Burckhardt em Basiléia, mais tarde editada com o título *Reflexões sobre a história*, permite-nos observar a influência de Burckhardt no pensamento de Nietzsche, sobretudo, no que concerne a pontos chaves como: a ideia de grandeza, a inexistência de grandes homens na modernidade, a influência da arte no processo de criação e as críticas

ao historicismo e ao progresso da história. São os temas proferidos por Burckhardt em suas aulas que fizeram o jovem Nietzsche ruminá-las e comentá-las a sua maneira ao falar da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida.

A filosofia da história e o seu progresso

Mesmo sendo de uma época em que a filosofia da história e o cientificismo histórico estavam em alta, Burckhardt esteve pouco a vontade com tais acontecimentos. Em sua obra póstuma *Reflexões Sobre a História*, editado a partir dos escritos para as suas aulas em Basileia, Burckhardt descreve a filosofia da história com as seguintes palavras:

No concernente às qualidades características da filosofia histórica vigente até agora, cumpre-nos observar que ela seguia a História e fornecia-nos visões longitudinais dos acontecimentos, em outras palavras: ela seguia um critério cronológico. Desta maneira tentava elaborar um programa geral da evolução mundial, na maioria das vezes sob um ponto de vista extremamente otimista (BURCKHARDT, 1961, p. 10-11).

Segundo Burckhardt, Hegel afirmara a razão como o único pensamento acrescentado pela filosofia a comandar o mundo. Concluía-se deste pensamento que o resultado da história universal deveria ser o reconhecimento de um processo evolutivo do *Espírito* em todo o mundo. Hegel desenvolveu a ideia segundo a qual, a história universal seria formada a partir de um processo evolutivo do espírito que chega a consciência plena de sua própria significação. Dessa forma, seria possível perceber um progresso que tinha como finalidade, levar a história ao processo de liberdade através dos tempos; pois no Oriente, a liberdade pertencia a um só, o rei, na Grécia clássica, a poucos, os cidadãos, e, nos tempos modernos, a todos, pois todos se tornaram livres. (NÓBREGA, 2007, p. 70).

Entretanto, a ironia de Burckhardt se faz presente ao afirmar que “não fomos iniciados nos desígnios da sabedoria eterna e, portanto não os conhecemos. Esta audaz antecipação de um plano mundial conduz a erros por partir de premissas errôneas”

(BURCKHARDT, 1961, p. 11). Para Burckhardt, a ideia de um *Espírito Absoluto* determinando a história universal, não passa de premissas equivocadas que não são capazes de convencer por si só. Este era para ele, o perigo de toda e qualquer filosofia da história cuja estrutura estivesse posta cronologicamente: degenerar-se em uma visão universal da história desconsiderando suas particularidades, como se a história fosse sempre homogênea e limitada aos acontecimentos em torno do Estado.

Assim como Nietzsche, Burckhardt acreditava que a história estava em constante reativação. Por isso, não existia retas que a conduzisse para um bem ou para um mal. Consequentemente, não havia um fim determinando a história, pois ela se auto-regula sem que haja a presença de leis externas que a determine. Para Lima:

Burckhardt descreve que a história tenha leis ou esteja investida de um fim, mas, para ele, tampouco se confunde com uma arena em que se entredevoram lobos que falam. Em vez de ser isso ou aquilo, a História é a residência de um animal contraditório, capaz de atrocidades, de promover e de suportar dores incriveis e de criação (LIMA, 2003, p. 14.).

Segundo Burckhardt, “ao passo que os filósofos da história estão presos à especulação em torno às origens e devem, portanto, falar também do futuro, nós podemos dispensar essa teoria das origens, desligando-nos também, conseqüentemente das teorias finais, da escatologia” (BURCKHARDT, 1961, p. 12). Por conseguinte, seu interesse parece não ter sido o da especulação relacionada a uma determinada filosofia da história. Sua motivação maior foi analisar o ser humano a partir de suas atribuições diárias, “tal como ele é, sempre foi e será”. Este aspecto do pensamento de Burckhardt foi de perto acompanhado pelo jovem Nietzsche que fez de sua *Segunda Consideração Intempestiva* um verdadeiro campo de batalha contra a cientificidade da história e o hegelianismo que com sua filosofia da história buscou explicar o processo histórico mediante a realização do *Espírito Absoluto*, ignorando o homem em sua peculiaridade.

Sobre o que concerne à ideia de progresso, Burckhardt diz – em suas *Reflexões sobre a história* – que existe em nós uma falsa crença em acreditar que uma determinada época seja mais importante que outra. Ou seja, a crença de que a época atual seja “melhor” que as passadas. Isto acontece pelo fato de sermos egoístas e de nossos

anseios pelo conforto nos fazer enaltecer as forças e os homens de épocas passadas como os responsáveis pelo nosso conforto atual. Perceber a época atual como a melhor, concebê-la como uma época construída progressivamente e que as épocas anteriores foram inferiores à nossa é tão somente uma falsa crença determinada por nossa vontade de sermos melhores, pois:

Procedemos como se o mundo e a História existisse meramente em função de nossas sagradas pessoas, assim, cada um de nós imagina que a sua época é o apogeu de todas as épocas precedentes e não, como acontece realmente, uma de inúmeras ondas que se sucedem no tempo. [...] Devido ao fato da vida da humanidade constituir um todo indivisível, as suas oscilações temporárias e locais só podem ser consideradas “felizes” ou “infelizes”, “boas” ou “más” por nossa capacidade limitada de julgar os acontecimentos que, na verdade, procedem de uma necessidade superior e inexorável. (BURCKHARDT, 1961, p. 261-262).

Nietzsche parece corroborar com este pensamento, pois ao longo da *Segunda Consideração Intempestiva*, sua crítica ao ideal de progresso tal como preconizava os positivistas se torna recorrente. Mais tarde em *O Anticristo*, o filósofo reforça sua crítica alegando que:

A humanidade não representa um desenvolvimento para melhor ou mais forte ou mais elevado, do modo como hoje se acredita. O “progresso” é apenas uma idéia moderna, ou seja, uma ideia errada. O europeu de hoje permanece em seu valor muito abaixo do europeu da renascença; mais desenvolvimento não significa absolutamente, por alguma necessidade, elevação, aumento, fortalecimento. (NIETZSCHE, 2007, p. 11).

Assim sendo, a ideia de progresso torna-se vazia e diz respeito apenas ao nosso ponto de vista. Somos nós com nosso modo próprio de ver o mundo, permeado pela cultura e pelo pensamento de nossa época que fazemos conjecturas qualificando nosso tempo como tendo progredido. É certo que há mudanças de uma era para outra, pois isto já é próprio da natureza histórica, entretanto, tal vicissitude não implica necessariamente progresso.

O ideal de grandeza

Uma ideia sempre recorrente no pensamento de Burckhardt e que é muito encontrada nos escritos de Nietzsche – principalmente na *Segunda Intempestiva* – é o ideal de grandeza. Em *Reflexões Sobre a História*, Burckhardt nos diz que a noção de grandeza nos é indispensável, por isso não devemos ser privados dela. Mas, o que nos faz procurar este ideal? Qual o seu significado para o ser humano? O que torna um homem grande?

Segundo Burckhardt, nossas respostas para estas perguntas podem variar de acordo com a nossa idade ou de acordo com a soma de conhecimentos que tivermos adquirido ao longo da vida. Isso ocorre devido a nossa pequenez individual para julgar a grandeza, pois “a grandeza é tudo aquilo que nós não somos” (BURCKHARDT, 1961, p. 212). Dessa forma, movido pela necessidade e pelo sentimento, construímos arquétipos de grandeza para que possamos enfim saciar nossa pequenez. Assim sendo “tendemos, fatalmente, a considerar grandes os indivíduos, mortos ou vivos, cujas ações exercem influência decisiva sobre nossas próprias existências e sem cuja interferência nem poderíamos imaginar como seria nossa vida”. (BURCKHARDT, 1961, p. 213).

Acabamos então, por confundir e considerar por grande também os homens que nos trouxeram grandes males. Em nossa carência de fundamentar aquilo que realmente é grande, confundimos grandeza com poderio. O ideal de grandeza termina sendo aplicado a um *constructo* criado para favorecer um determinado interesse particular. Diante da problemática para se delimitar o que é a grandeza, esta nos permanece um mistério. Portanto, não é o testemunho de um documento, nem a palavra de um especialista que deve fundamentar a grandiosidade de alguém.

Ainda segundo Burckhardt, quando determinamos a grandeza de alguém aplicamos critérios incertos, desiguais e incoerentes, pois julgamos tal grandeza de acordo com os cânones intelectuais, as qualidades morais do indivíduo, depoimentos escritos sobre a personalidade em questão, ou de acordo com a nossa reação pessoal que nos leva, de alguma forma, a reconhecer tal indivíduo como grande. Por isso em alguns casos, determinados indivíduos nos

parecem grandes por nossa própria convicção e em outros, somos influenciados por uma opinião amplamente divulgada.

Percebemos então que o conceito de grandeza está extremamente ligado à soma global das considerações que atribuímos à personalidade de um indivíduo. É este indivíduo que consideramos grande, pois ele nos influencia de maneira extraordinária através dos séculos e dos povos. Em outras palavras, somos tomados por uma força que nos fascina e nos leva a considerar tais pessoas como grandes. Mas, quais são os atributos de um grande homem? Para Burckhardt:

Um grande homem é aquele sem o qual o mundo nos pareceria incompleto, porque determinadas grandes ações só podiam ser concretizadas por ele, em sua própria época e ambiente, sendo inconcebível sem ele. O grande homem está fundamentalmente ligado ao grande fluxo central das causas e efeitos. Há um provérbio que diz: “nenhum ser humano é indispensável”, mas justamente os poucos que os são, são grandes homens. (BURCKHARDT, 1961, p. 214-215).

O grande homem é aquele que deixa marcada a sua impressão na história. O som de sua ação ecoa e pode ser escutado além dos limites de sua época. É ele que tomado pelo instante em que vida se apresenta como uma eterna possibilidade de vir a ser, torna-se responsável pela criação de algo tão valioso que o torna singular. Ele se torna único, pois:

Só é único e insubstituível o homem que dispuser de forças intelectuais e morais extraordinárias, cuja atividade se reflete sobre uma coletividade, isto é, sobre povos e culturas inteiros ou até mesmo sobre toda a humanidade. Entre parênteses seja-nos permitido acrescentar que há um certo tipo de grandeza que abrange todo um povo e ainda que há outra espécie de grandeza ainda que podemos chamar de parcial ou momentânea, que se produz sempre que um indivíduo sacrifica a si próprio ou sua vida em prol de uma coletividade. Um ser capaz dessa abnegação atinge, então, um estado de elevação tal que o afasta das vicissitudes terrenas e o transfigura como um ser superior (BURCKHARDT, 1961, p. 215).

Em sua descrição sobre os grandes homens, Burckhardt enfatiza as ações produzidas pelos artistas, pelos poetas e pelos filósofos. Estes, segundo ele, exercem uma dupla função que tem como meta “captar o espírito de seu tempo e do mundo em que viveram e de transmiti-lo, como documentos eternos para a posteridade” (BURCKHARDT, 1961, p. 218). Neste ponto, é distinguida a grandeza dos grandes inventores e descobridores, da grandeza destas três categorias: os filósofos, os artistas e os poetas. Pois, para Burckhardt, as ações dos primeiros nunca foram de todo grandes. Mesmo que a eles tenha sido edificadas estátuas e monumentos, nunca alcançaram a grandeza propriamente dita, pois por mais que seus inventos e descobertas tenham influenciado o mundo e determinado os rumos da história, ainda assim poderiam ter sido substituídos. Ou seja, posteriormente outros teriam criado seus inventos ou feito suas mesmas descobertas.

Por outro lado, as ações dos artistas, poetas e filósofos se sobrepõem justamente pela sua singularidade. Suas ações tornam-se únicas e impossíveis de serem repetidas. São utilizadas como fontes de inspiração e reflexão, mas jamais podem ser reproduzidas. Aqui Burckhardt cita como exemplo a descoberta da América por Cristóvão Colombo. A dedicação e o empenho de Colombo em realizar a navegação que o fez descobrir a América não lhe fez perfeitamente um grande homem, pois se ele não tivesse descoberto, outra pessoa teria. Em contrapartida, a atividade produzida por homens como Platão, Ésquilo ou Rafael, jamais teria sido apresentada à humanidade se não fosse por eles próprios desenvolvidas.

Sobre a grandeza daqueles que atuam no campo das ciências, Burckhardt afirma que a grandeza dos cientistas também é determinada pela exaltação dos seus feitos em prol dos benefícios que estes trazem para a humanidade. Como exemplo ele cita Nicolau Copérnico cujos juízos sobre a órbita da terra em torno do Sol fez toda uma tradição ser refutada e um novo modo de se perceber o sistema solar foi nas ciências cristalizado. Entra também para o *hall* dos grandes cientistas Galileu e Kepler, pois “devemos aos resultados de suas pesquisas a nossa concepção atual de mundo e toda a estrutura do pensamento moderno, classificamos tais indivíduos, portanto, entre os filósofos” (BURCKHARDT, 1961, p. 220).

Burckhardt relaciona filósofos à grandeza, diz que é somente com eles que se inicia a etapa de grandeza irrefutável,

verdadeira, única e insubstituível. É nesta fase também, diz ele, em que há um desencadeamento de energia capaz de transcender qualquer norma. Entretanto, não são apenas os poetas, artistas e cientistas os únicos capazes de pertencer à categoria dos filósofos. Logo, “devem ser incluídos na categoria de filósofos todos aqueles que vêem a vida de maneira tão objetiva que parecem pairar acima dela, documentando essa sua *Weltanschauung* transcendente em observações formuladas sobre os mais diversos assuntos” (BURCKHARDT, 1961, p. 218).

Assim, a grandeza não pertence a uma elite que esteja determinando o curso da história no campo da política ou da economia como preferia os rankeanos positivistas. A grandeza também não concerne apenas ao homem que está inserido na categoria dos artistas, dos poetas e dos filósofos. O homem dito comum que vê a vida como uma possibilidade para o criar, o homem que desconhece os limites de sua criação e deixa seu legado para a humanidade, este faz a história e a ele é concedido a inclusão burckhardiana na categoria de filósofos.

O jovem Nietzsche parece ter compreendido muito bem as lições do velho mestre sobre grandeza, pois reafirmou em seus escritos que a grandeza pode ser encontrada em qualquer homem que tomado e tocado pela vida, percebe que esta é uma eterna possibilidade de vir a ser. Para Nietzsche, grande é aquele que em um instante extraordinário percebe vida como sendo um profundo sem fundo que está sempre vindo a ser. É esta percepção da vida, este *pathos*, esta afecção que faz o homem constituir-se como um determinado *eu* e, de forma artística, passar a criar aquilo que o determinará como grande, pois grandes são também suas ações na história. Foi tomado por esta afecção que os homens citados por Burckhardt – Platão, Ésquilo, Rafael, Copérnico, Kepler, Galileu – chegaram à criação de algo tão grandioso que acabaram por determinar os rumos da história.

Grande é o homem superior, o homem da experiência. Na *Segunda Consideração Intempestiva* (2005, p. 127), Nietzsche fala que somente o homem grande pode escrever a história, pois aquele que não tiver realizado uma experiência maior e mais elevada em relação aos demais não poderá, de forma alguma, interpretar a grandeza do passado. Em *Além do Bem e do Mal*, obra escrita após a *Segunda Consideração Intempestiva*, Nietzsche descreve de forma magistral o seu conceito de grandeza quando diz que:

[...] Hoje o ser-nobre, o querer-ser-para-si são parte da noção de “grandeza”; e o filósofo revelará algo do seu próprio ideal quando afirmar: “Será o maior aquele que puder ser o mais solitário, o mais oculto, o mais divergente, o homem além do bem e do mal, o senhor de suas virtudes, o transbordante de vontade; precisamente a isto se chamará grandeza: pode ser tanto múltiplo como inteiro, tanto vasto como pleno” [...] (NIETZSCHE, 2005, p.107).

Nesta citação fica claro que para Nietzsche, assim como para Burckhardt, a grandeza não pertence unicamente aos governantes nem aos *indivíduos históricos universais* como afirmava Hegel. A grandeza pertence aquele que em um dado momento de compreensão da vida passa a determinar de forma artística o desenvolver da sua história. Este é o grande homem. Mais tarde, em *Ecce Homo*, Nietzsche fala, no parágrafo 10 do capítulo *Porque sou tão Inteligente*, sobre o equívoco em se qualificar como grande aquilo que de fato não é grande. Segundo ele:

O que a humanidade até agora considerou seriamente não são sequer realidades, apenas construções; expresso com mais rigor, *mentiras* oriundas dos instintos ruins de naturezas doentes, nocivas no sentido mais profundo – todos os conceitos: “Deus”, “alma”, “virtude”, “alem”, “verdade”, “vida eterna”... Mas procurou-se neles a grandeza da natureza humana, sua “divindade”... Todas as questões da política, da ordenação social, da educação foram por eles falseados até a medula, por haver-se tomado os homens mais nocivos por grandes – por ter-se ensinado a desprezar as coisas “pequenas”, ou seja, os assuntos fundamentais da vida mesma... (NIETZSCHE, 2008, p.47-48).

Fica claro, portanto, que o ideal de grandeza apresentado tanto por Nietzsche, quanto por Burckhardt, diverge daquele apresentado pelo pensamento moderno, sobretudo, pelo modelo hegeliano e pela metodologia metódico-positivista. Diferente de uma grandeza aplicada aos grandes estadistas, responsáveis pelos desdobramentos político e econômicos do Estado, Nietzsche e Burckhardt compreenderam grandeza como algo próprio daquele que torna sua ação imponente. Ela pertence aquele que em um ato de criação torna a história um bem a serviço da vida.

A arte como criação

Outro pensamento comum – mesmo que com sentidos distintos – tanto em Nietzsche quanto em Burckhardt concerne ao ideal artístico. Assim como Nietzsche, Burckhardt compreende as artes como forças criadoras capazes de elevar o homem a sua suprema grandeza. Segundo Burckhardt:

As artes são capazes de atrair para seu círculo magnético quase que a totalidade da existência humana, de elevar sua sensibilidade a um grau, infinitamente mais elevado, de expressão, dando-lhe uma visão do mundo livre dos escombros do acaso, reunindo numa imagem transfigurada somente os elementos realmente grandiosos, importantes e belos, então, até mesmo o seu aspecto trágico revela-se consolador.

As artes são uma capacidade expressiva, uma energia criadora. Sua força motriz central mais importante, a fantasia, a imaginação, foi sempre venerada como uma manifestação divina. Poder revelar mundos interiores, de modo que esta interioridade retratada aja como uma revelação, constitui realmente uma das virtudes mais raras que pode possuir o ser humano. (BURCKHARDT, 1961, p. 222).

Nietzsche entra em consonância com estas palavras ao construir seu pensamento sobre a arte como forma de criação da vida, ou seja, a arte como ação no exercício da grandeza. Na *Segunda Consideração Intempestiva* ao descrever o significado da história como algo a circunscrever espiritualmente o passado em uma melodia do cotidiano, o filósofo alemão declara que tal ação só será possível mediante uma grande potência artística. Sendo assim, a história deve ser feita artisticamente. Através da afecção originária, o artista – enquanto homem dotado de grandeza – lapida a história de forma que sua impressão fica marcada no tempo. É quando ele se dá conta que, ao mesmo tempo em que compreende, também faz a história.

A história deve então ser percebida como um mundo profundo de possibilidades, ela deve ser antes de tudo uma fonte de

criação, de poder e beleza. Nietzsche enfatiza que para a utilização da história a serviço da vida:

[...] é requerida antes de tudo uma grande potência artística, um pairar criativamente acima de tudo, uma imersão amorosa nos dados empíricos, imaginar além do tipo dado – aliás, tudo isto diz respeito à objetividade, mas somente como uma qualidade positiva. Todavia, objetividade é muito frequentemente apenas uma palavra. (NIETZSCHE, 2003, p. 55).

A maneira como a história era tratada pelos historiadores do século XIX era o oposto daquilo que Nietzsche compreendia como a utilização da história por meio da arte. Fazendo uso de uma de suas metáforas Nietzsche diz que “todo aquele a que se obriga a não mais amar incondicionalmente cortou as raízes de sua força: ele se torna ressequido, ou seja, insincero” (NIETZSCHE, 2003, p.59). Assim seria a história vista sem este poder transformador da arte. De fato, ao atribuir a história os critérios de verdade irrefutáveis, imparcialidade total do historiador e descrição fiel do passado, esta parece ter se tornado seca e sem mobilidade. Portanto:

Sob tais efeitos, a história é o oposto da arte: e somente se a história suporta converter-se em obra de arte, ou seja, tornar-se pura forma artística, ela pode, talvez, conservar instintos e, até mesmo, despertá-los. No entanto, uma tal historiografia poderia contradizer inteiramente o traço analítico e não artístico de nossa época, sim, sentida por ele como uma falsificação. (NIETZSCHE, 2003, p.59).

É de fundamental importância ser considerado que quando Nietzsche menciona o artista em seus escritos, seu pensamento não se encontra remetido apenas àquilo que é próprio das belas artes, ou seja, a poesia, a pintura, ao teatro, à música... O sentido é bem mais amplo e vai mais além. O artista a quem Nietzsche se refere concerne aquele que está tomado pelo poder e pelo afeto da criação. Não obstante, o artista é aquele que é lançado neste instante extraordinário proposto pela abertura – arte – e que está sempre vindo a se constituir como um determinado “eu”. (CORDEIRO, 2010, p. 16). Desta forma, o artista é aquele que está perpassado pelo poder da arte, enquanto este aberto que constitui a vida nobre e que a partir daí lança-se no que

originariamente é vida. Ser tomado pelo poder da arte é perceber vida como uma imensa perspectiva para o criar. É a partir desta perspectiva que o homem se lança na vida e artisticamente passa a constituir sua própria história.

Em Nietzsche, a arte tem este caráter fundamental de revelar ao homem o nada primordial em toda sua existência. Neste nada, ele assume a responsabilidade perante a construção de sua história. É ao assumir a vida como este nada que constantemente retorna, que o homem encontra-se eternamente construindo e reconstruindo o seu próprio ser. De modo que é somente a partir deste ponto que ele se lança artisticamente no devir da sua história e faz da vida o palco de sua criação. A história é então realizada pelo homem que tomado pelo instante extraordinário em que vida se revela, é movido pela vontade de exuberância, de abundância e de criação.

Contudo, Sendo a arte um fator determinante nas ações dos grandes homens, tanto Burckhardt quanto Nietzsche reclamavam a inexistência destes na modernidade. Em seus escritos, vez por outra, Nietzsche acusa o homem de sua época de não ser grande, como não sendo capaz de se autoafirmar, impossibilitado de dizer sim a si mesmo. Da mesma forma, ao finalizar seu capítulo sobre a grandeza histórica, Jacob Burckhardt afirma que “nossa época distingue-se pelo seu poder de esfacelar os grandes indivíduos” (BURCKHARDT, 1961, p. 252). Apenas alguns aventureiros e visionários são erroneamente agraciados por seus contemporâneos com o título de grande. Segundo Burckhardt, nem toda época conta com a capacidade de produzir grandes homens. Sua época parecia estérea, mas o futuro lhe parecia promissor, pois:

Deparamos com um nivelamento geral que nos autoriza a declarar impossível o aparecimento de indivíduos superiores. No entanto, a intuição nos diz que a crise atual abandonará o nível miserável de agora, passando do plano da “concorrência mercantil, da posse e aquisição de bens materiais” a outro plano e permitindo a aparição de um grande homem, o qual, naturalmente, será seguido pelas massas. (BURCKHARDT, 1961, p. 222).

Burckhardt compreende o grande homem como aquele que além de corresponder ao que dele se exige em qualquer situação, ainda vai além e supera as suas próprias expectativas. Por isso, estes homens

mesmo escassos na modernidade, são necessários à vida, pois com eles o processo histórico se libera, irrompe, flui. O homem que toma para si o curso da história, levando em consideração seu poder de moldar e modelar os fatos se torna grande e faz da história uma grandeza.

Respalhando o seu mestre em Basiléia, Nietzsche também anuncia a escassez de grandes homens. Ao longo de sua obra e mais tarde em *O Anticristo*, o filósofo declara em seu prólogo que o seu livro destina-se aos homens mais raros, porém talvez não se encontre um único que ainda esteja vivo, pois há homens que nascem póstumos (NIETZSCHE, 2007, p. 09). Acredita Nietzsche, assim como Burckhardt, que somente o futuro poderá produzir homens raros – ou grandes – e este parece ser, após as *Intempestivas*, a grande missão de Nietzsche: encontrar homens raros que compreendam e vivam o seu *Zarathustra*. Homens que, tomados pela eterna possibilidade que a vida oferece, possam artisticamente criar algo de verdadeiramente grande, tornarem-se grandes e assim construir de maneira grandiosa a sua história.

O legado de Burckhardt

Em suas *Reflexões sobre a história* Burckhardt diz que não é seu propósito formar historiadores “especialistas” em história, ou seja, historiadores com vasto conhecimento sobre determinados fatos da história. Sua proposta é que ao invés de acumular conhecimento sobre um evento isolado, desenvolva-se a capacidade de cultivar de maneira apropriada a cultura histórica. Em outras palavras, Burckhardt almejava instigar em seus aprendizes a capacidade de refletir, questionar e, principalmente, dosar até que ponto a história pode ser útil ao homem. Em uma carta de 1874 endereçada a Nietzsche, Burckhardt reafirma sua postura dizendo que:

Como professor e mestre, posso, contudo, declarar que nunca ensinei história pelo está contido sob o pomposo nome de “história mundial”, mas sim como um estudo propedêutico: meu objetivo tem sido dar às pessoas a estrutura indispensável para que seus estudos futuros, sejam do que for, não se

tornem sem propósito. (BURCKHARDT, 2003, p. 297).

O jovem Nietzsche mostrou ter aprendido muito bem as lições do mestre, pois a partir de tais ensinamentos foi capaz de redigir um verdadeiro tratado sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida¹. Nesta mesma correspondência que tem como tema principal a Segunda Extemporânea, Burckhardt elogia Nietzsche qualificando sua obra como um poderoso e significativo trabalho. Indo mais além, o historiador relata que a obra em questão exige ser desfrutada linha por linha para somente após muita consideração, poder enfim ser avaliada.

Burckhardt parece ter se espantado com a capacidade criadora do jovem Nietzsche, pois ao que se percebe o jovem filósofo introduziu no estudo histórico a possibilidade de se pensar a própria vida. Com Nietzsche, influenciado pelo mestre historiador, a história é condenada enquanto inconveniente e desejada enquanto uma utilidade a serviço da vida. Em uma carta de 13 de setembro de 1882, Burckhardt faz a Nietzsche a seguinte indagação: “o que resultaria disso tudo se você ensinasse história?” Em seguida ele mesmo encontra a resposta:

Fundamentalmente, é claro, você está sempre ensinando história, e abriu algumas assombrosas perspectivas históricas nesse livro, mas, eu digo – se você iluminasse a história *ex professo*, com sua luz própria e a partir de seu ângulo particular de visão: em comparação com o atual *consensus popolorum*, tudo ficaria de cabeça para baixo da mais esplêndida maneira! (BURCKHARDT, 2003, p. 371).

A admiração de Burckhardt diante da satisfação em colher os frutos de seus ensinamentos a partir do pensamento no jovem Nietzsche vai mais adiante. Na mesma correspondência ele declara:

Quanto ao resto, muito do que você escreveu (e, temo eu, o melhor disso) está muito além de minha pobre e velha mente; mas, até onde posso acompanhar, regozijo-me como um sentimento de admiração pela imensa riqueza, bem como pela forma concentrada, e posso ver claramente que

¹ Segunda Consideração Intempestiva.

vantagem seria para a nossa ciência se alguém pudesse ver com os seus olhos. (BURCKHARDT, 2003, p. 371).

Assim, Nietzsche recebe o respaldo de seu velho mestre e amigo ao mostrar-se apto na criação de algo grandioso. Ao apropriar-se do pensamento de Burckhardt, Nietzsche passa a produzir seu próprio pensamento a partir de uma apropriação produtiva. Esta lição é deixada por Nietzsche na própria *Segunda Consideração Intempestiva* quando acusa o uso exacerbado das histórias monumental, antiquária e crítica de limitar a criação mediante o cultivo exagerado do passado². Nietzsche não utilizou os ensinamentos de Burckhardt para tornar-se um mero erudito conhecedor de história; mas através das lições de seu mestre, criou um novo modo de se pensar a relação entre história e vida. Em outras palavras, a história foi vista não como uma ciência que descreve o passado, mas como um elemento instigante para que o homem possa exercer suas faculdades criativas a partir da grandeza de outrora. A história teria então, uma estreita relação com a vida, pois, vida aparece nesse contexto, como uma eterna possibilidade para o criar.

Referências bibliográficas

BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende, Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

_____. *Reflexões sobre a história*. Tradução de Leo Gilson Ribeiro, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

² Em sua *Segunda Consideração Intempestiva* Nietzsche trata de três espécies distintas de história: Monumental, Antiquária e Crítica. A história Monumental enfatiza os grandes monumentos da história, nela toda grandeza e exuberância do passado serve como inspiração para o homem do presente. A partir das grandes criações do passado, o homem encontra estímulo para também agir e criar. A história Antiquária é aquela capaz de preservar e conservar o passado. É a fidelidade à terra. Com ela o homem preserva sua história e mantém sua identidade. Por fim, a história Crítica destinada àquele “que sofre e carece de libertação”. É ela que causa uma ruptura com o passado e liberta o homem do apego excessivo à tradição. A história Antiquária faz o homem refletir aquilo que na história pode ser útil ou inútil à vida. Todavia, o uso exagerado dessas três espécies de história degenera a vida e impede o homem de exercer seu processo artístico de criação.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes, São Paulo: Unesp, 1992.

_____. Introdução: Jacob Burckhardt e o renascimento italiano. In: BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália*. Tradução de Sérgio Tellaroli, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORDEIRO, Robson C. *Nietzsche e a vontade de poder como arte: uma leitura a partir de Heidegger*. João Pessoa: ed. Universitária - UFPB, 2010.

DRU, Alexander. Introdução às cartas de Jacob Burckhardt. In: BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende, Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

LIMA, Luiz Costa. Alguém para ser conhecido: Jacob Burckhardt. In: BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende, Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

_____. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

_____. *Escritos sobre história*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho, São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. *O anticristo*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

_____. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NOBREGA, Francisco Pereira. *Compreender Hegel*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.